



ENTRE O TRAJE SOCIAL E O TRAJE DE CENA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Between Social Clothes and Costumes: pedagogical experiences

Kühl, Anna Theresa; Mestranda; USP; annakuhl@gmail.com¹

Prudente, Aline Barbosa da Cruz; Mestre; SENAC e ESAMC,

aline.bcp@gmail.com²

Resumo: Este artigo versa sobre experiências pedagógicas onde o traje social é protagonista na construção de trajes de cena, tais como exercício de criação de silhuetas e ou ressignificação de roupas dentro de uma linguagem cênica. Analisamos nossas práticas comparando com o trabalho profissional de um figurinista, que por diversos motivos também se utiliza de trajes sociais para sua construção. Visamos com este estudo discutir questões ligadas ao fazer do figurino e do como aprender o ofício.

Palavras chaves: Traje de cena; traje social; educação.

Abstract: *This article deals with pedagogical experiences where social clothes are the protagonist in the construction of scene costumes, such as the exercise of creation of silhouettes and the re-signification of those costumes within a scenic language. We analyze our practices comparing with the professional work of a costume designer, which for various reasons also uses social costumes for their construction. We aim with this study to discuss issues related to costume making and how to learn the craft.*

Keywords: *Costume; social clothes; education.*

Introdução

O traje de cena sempre se serviu do traje social, seja como inspiração ou como objeto material, em diversos contextos e por diversas razões, desde orçamentárias ou

¹ Mestranda em Têxtil e Moda, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, desde fevereiro de 2019. Figurinista, produtora cultural e docente de cursos e oficinas sobre figurino e economia criativa. Em 2016, foi coordenadora e docente nos projetos "Costurando Histórias" e "Memórias Vestidas".

² Mestre, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNICAMP. Figurinista e docente de cursos de moda do SENAC Lapa Faustolo - São Paulo e ESAMC Campinas. Também foi coordenadora e docente nos projetos "Costurando Histórias" e "Memórias Vestidas" (ProAC 2016).



ainda como opção consciente narrativa, onde são exploradas as camadas de história e memória que este tipo de material apresenta. A partir destes materiais, podem ocorrer transformações em relação à cor, estado de uso, modelagem, adequação ao corpo do ator, etc; até que estejam condizentes com o desenho e conceito deste figurino em relação à dramaturgia e encenação.

Esta prática não é recente, podemos inclusive citar um importante e significativo exemplo, presente na história do figurino do século XX, em que o encenador Constantin Stanislavski (1863-1938) se serve de tais materiais entre 1925 e 1927, período em que o Teatro de Arte de Moscou enfrentava diversas tensões, sobre o qual Viana (2010, p. 98) comenta que ‘uma das soluções teria sido aproveitar o que se tinha: mão de obra qualificada e restos de materiais de várias espécies’.

Para além do contexto de precariedade orçamentária, é possível nos servirmos do resíduo têxtil e da roupa descartada, de segunda mão, não só como uma escolha consciente e estética, mas também como linguagem de figurino? A partir desta indagação, propomos algumas práticas pedagógicas ao longo de nossa docência, que serão descritas e analisadas neste artigo.

Analisamos nossas experiências a partir do ponto de vista das metodologias ativas, definida por Bacich e Moran como ‘estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida’ (2016, p. 480). Apesar de serem técnicas muito discutidas nos dias atuais, as metodologias ativas começaram a ser teorizadas no início do século XX por autores como John Dewey (1859-1952) e William Heard Kilpatrick (1871-1965), que buscavam uma forma de aproximar a teoria da prática no processo educacional. Neste contexto trabalha-se a partir de projetos ou problemas para que os alunos busquem respostas com a orientação de um professor, incentivando assim a autonomia do estudante (CAMARGO; DAROS, 2018, n.p.).

Em nossas aulas, mesclamos metodologias dedutivas e indutivas, ou seja, os alunos tanto deduziam soluções a partir de conceitos apresentados no começo da aula,



como também tinham momentos em que a experimentação era o único recurso para se chegar a algum resultado (indução).

Em todas as nossas experiências preferimos começar as oficinas contextualizando o que é o figurino, suas possíveis linguagens e metodologias de pesquisa, para incentivar o aluno a ir além do que ele já conhece e não apenas reproduzir uma fantasia. Mostramos também alguns exemplos de experimentações feitas em nosso percurso profissional para que o olhar do aluno seja ampliado em relação aos materiais e forma em que são usados.

Em nossas práticas também é bem comum deixamos o tema de criação livre, salvo por alguns direcionamentos temáticos genéricos. Reconhecemos que no trabalho profissional de figurinista não temos essa liberdade de escolha com o que vamos trabalhar, mas acreditamos que a escolha de um tema ou personagem que tenham conexão com o aluno para uma primeira experiência é benéfica para o aprendizado, pois partimos de um conhecimento prévio para então trazer uma nova abordagem de criação. Além disso, ‘pesquisas atuais da neurociência comprovam que [...] cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais’ (BACICH; MORAN, 2016, p. 434).

Se faz importante notar que tais produções desenvolvidas nestas experiências não configuram trajes de cena, mas sim estudos ou ensaios para produção de vestimentas que poderiam configurar um figurino, se fossem adicionados a um contexto dramático ou performático.

Como nossa vivência é em ambientes de educação não formal, em oficinas curtas e para pessoas de diferentes graus de instrução, geralmente não é possível incentivar o aprofundamento em leituras relacionadas aos temas propostos por alunos. No entanto, sempre que possível sugerimos filmes, novelas, músicas ou qualquer outra indicação cultural que acrescente para o repertório do aluno. Na montagem dessas aulas utilizamos de algumas obras, entre elas a *Figurino e Cenografia para Iniciantes* (VIANA; PEREIRA, 2015) por ter um conteúdo mais acessível para nosso público.





Experiência Fonte para a Reflexão

O contexto que inspirou e deu início a estas práticas e a reflexão sobre esta veio da trajetória profissional de uma das autoras. Em agosto de 2014, esta participa da oficina *A reestruturação do traje baseada na reciclagem de roupas de segunda mão*³ (E-SCAPES, 2014), ministrada pela designer de cenário e figurino húngara, Juli Balázs (1986-) no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes, evento que integrou o Encontro Anual das Comissões de Educação, Performance Design e Pesquisa da OISTAT Brasil. A docente da oficina partiu de uma técnica utilizada no projeto *Amphitryon*, encenação do texto de Molière realizada em Budapeste em 2009, onde a designer mesclava influências barrocas às características do vestuário de ciclistas de Amsterdam, servindo-se de trajes sociais usados de forma incomum para construir os trajes de cena.

Durante a oficina, Balázs explorou com os participantes as características e estéticas de períodos históricos para então desenvolver protótipos de figurinos em um exercício de criatividade que visava encontrar inspiração em um acervo de peças de roupas e resíduos têxteis. Devemos notar que tal experiência não tinha como objetivos a reconstituição histórica por meio deste material, mas sim a experimentação de silhuetas e a polifonia dos trajes, como aconteceu na experiência profissional relatada pela docente. Com este exercício (figura 1), foi percebida as possibilidades de usar peças contemporâneas para reinventar indumentárias de épocas e contextos diversos.

³ Disponível em: <<https://escapesoistat.wordpress.com/workshops/wks-2/>> . Acesso em 13/07/2019.





Figuras 1a, 1b e 1c: Materiais e traje final realizado na oficina OISTAT, 2014.



Fonte: Acervo da autora. Fotógrafa: Anna Theresa Köhl, 2014.

Tal experiência prática também suscitou questionamentos sobre como seria a aplicação de tais experimentações em situações profissionais - é possível, assim como vivenciado por Juli Balazs, na Hungria, que tal técnica integre a confecção de trajes em montagens cênicas? Em quais linguagens artísticas faz sentido o uso destes materiais? Ou ainda, podemos identificar valor pedagógico em tais experimentações? Podemos identificar tais práticas como construção de repertório de figurinistas em formação?

Fomos percebendo durante nossas vivências que esta experimentação, que toma por base o traje como objeto, traz um dado de materialidade que pode ser interessante à criação de figurinos e à formação de repertório de futuros figurinistas, uma vez que ‘é na própria massa dos objetos (e não na sua representação plana) que se encontra a verdadeira história dos homens’ (BARTHES, *Apud* VELLOSO; VIANA, 2018, p.56).

Experiências Pedagógicas

Para explorar as potencialidades destas experimentações, destacamos neste artigo experiências em quatro contextos. O primeiro estudo de caso se dá em uma oficina sobre história da moda e figurino, ministrada por meio das Oficinas Culturais do



Estado de São Paulo, em 2015. Já em 2017, acontece uma oficina similar que integrou a programação de um evento sobre moda e sustentabilidade, o Fashion Revolution, na cidade de Campinas. Outra experiência é o projeto *Costurando Histórias*, contemplado com o edital de Economia Criativa do ProAC, em 2016; e por fim, um workshop ocorrido no SENAC Lapa Faustolo em São Paulo, em 2019. Em todas as experiências foram trabalhadas questões do traje expressar subjetividades, localização geográfica, clima, idade ou geração, sexo, ocupação, posição social e a ocasião, além de elementos de design como cor, forma, volume, textura e movimentos. Algumas vezes estes assuntos foram trabalhados antes e outras, depois da experiência de criação de trajes com roupas de segunda mão (metodologia indutiva).

A primeira experiência, ocorrida em 2015, foi uma oficina chamada *Figurino e História da Moda: caminhos cruzados*, que tinha intenção de discutir relações entre indumentária, história da moda e figurino. Ministrada por uma das autoras no Museu da Imagem e Som de Campinas, contou com 7 alunos, de formações diversas, principalmente moda e ciências sociais. Depois de uma introdução com discussões e apresentação de conteúdos sobre história da indumentária e figurino, uma das atividades práticas desenvolvidas foi a produção de trajes com inspiração em períodos históricos ou indumentária etnográfica, a partir de peças de segunda mão levadas pela docente.

Tais criações não contavam com um contexto cênico, porém a arquitetura histórica do prédio onde ocorreu a oficina trouxe um caráter performático para a produção das fotografias da experiência. Pode se observar uma analogia a um processo de criação da linguagem *site specific*, uma vez que a informação histórica do prédio conferiu às produções mais uma fonte ou camada.

Uma das alunas se inspirou na música *Ciranda da Bailarina* de Chico Buarque, como base de criação para seu traje, enquanto outras se apoiaram em períodos históricos que o prédio trazia: desde a arquitetura do século XIX, que inspirou a criação que podemos ver na figura 2; até objetos audiovisuais museológicos das décadas de 1920 a 1990 (século XX) que integram o acervo do prédio. As alunas identificaram que tal



experiência mudou a percepção que elas tinham sobre a produção e o pensamento sobre traje de cena.

Figura 2: Aluna da oficina “Figurino e História da Moda: caminhos cruzados”, criação de Larissa, 2015.



Fonte: Acervo da autora. Fotógrafa: Anna Theresa Köhl, 2015.

Uma experiência semelhante foi a oficina de ocorreu no *Fashion Revolution Week* da cidade de Campinas, em 2017, desta vez ministrada pelas duas autoras no ateliê VID Estúdio Criativo. Com o título de ‘História da Moda e Traje de segunda Mão: Possibilidades de Figurinos’ exploramos mais uma vez a construção de trajes a partir de outras peças, desta vez com um foco em criação de personagens e narrativas que se relacionassem com mais de uma época da história da indumentária. Como esta oficina fazia parte de um evento que discute o consumo e descarte de roupas, focamos no caráter da reutilização de peças para o figurino, enfatizando sempre a importância de uma história de fundo. Na introdução, fizemos uma breve exposição dialogada sobre história da moda com fotos, relacionando assim os conhecimentos prévios dos



participantes com breves fatos culturais e de indumentária, e em seguida os alunos usaram peças de nosso acervo para darem forma para suas ideias.

O aluno Jairo criou o traje para uma personagem que seria uma garota dos dias atuais que viajou no tempo para o século XIX e precisou montar às pressas um figurino da época com as roupas que tinha em mãos (figura 3).

Figura 3: Aluno durante oficina de silhuetas históricas em Campinas, 2016.



Fonte: Acervo VID Estúdio Criativo, 2016.

Podemos perceber que a delimitação de materiais (roupas sociais, em sua maioria contemporâneas) influenciou diretamente na narrativa criada pelo aluno. Geralmente, este é um processo inverso de uma produção de figurino no contexto profissional, o que foi esclarecido durante a oficina. Apesar de ter sido uma experiência curta (apenas 3 horas de duração) e que não aprofundamos muito sobre o ofício do figurinista, acreditamos que ela tem um considerável potencial educativo por enfatizar a importância de uma história de fundo: um figurino nunca é desconectado de um contexto.



Outra experiência pedagógica de criação de vestuário ocorreu em 2016 na oficina *Costurando Histórias: Criação de Moda e Encontro de Gerações*, contemplado com o edital de Economia Criativa do ProAC, também ministrado pelas duas autoras. Neste contexto tivemos 30 horas para desenvolver conteúdos sobre identidade, criação, desenho e costura. O projeto era voltado para jovens (16 e 25 anos) e idosos (acima de 60 anos) e o objetivo era criar um encontro de gerações, em que o jovem se beneficiaria pelo conhecimento técnico e profissional da construção do vestuário e o idoso, pela convivência e fruição cultural. Ao mesmo tempo houve uma busca em incentivar a criticidade em relação a sustentabilidade e origem de materiais, fomentando o uso de roupas de segunda mão, tecidos de descarte, fim de rolo, retalhos. Nesta oficina os 13 participantes tinham que confeccionar um traje criado a partir de histórias pessoais. Algumas destas produções se encaixavam em códigos de vestimenta do traje social contemporâneo, enquanto outros tiveram resultados mais lúdicos ou performáticos.

Um caso emblemático foi da aluna Lis (figura 4), que criou um personagem que a representasse, sobre o qual a aluna já escrevia sobre antes mesmo da oficina.

Eu comecei o meu projeto com uma paleta de cores. [...] que representassem a minha personalidade, que são os verdes e laranjas; cores fortes que passam certa sensação de segurança e até de “velocidade”, “esperteza” ou “agilidade”. [...] eu me lembrei do livro que eu estou escrevendo, de uma das suas protagonistas e da grande influência da fantasia [...]. A protagonista em questão é uma menina que se transforma em leão, então ela possui algumas características leoninas, como o nariz felino, bigodes, orelhas e pés de leão, fora a juba dourada. Como ela foi uma grande influência para o projeto, eu decidi chamá-lo com o nome dela, batizando-o de Surya. (registro escrito da aluna, acervo das autoras, 2016)



A aluna ainda descreve em seu texto sobre a escolha das peças. Ela havia imaginado um colete verde, mas que no processo em que procuramos usar peças de brechó, ela encontrou uma blusa desta mesma cor e que isso dava a possibilidade de ela contar algo a mais deixando um seio de fora, expressando o seu lado feminista. Por fim ela deixou apenas um ombro a mostra por questões de pudor. Ela ainda queria trazer a cor laranja citada anteriormente na forma de “fogo”, então ela tingiu uma saia branca de forma que as manchas fizessem referência a este elemento e também criou o cachecol de retalhos nas cores amarelo, laranja e vermelho.

Nesta oficina também aprofundamos em questões da profissão de figurinista, se aproximando até um pouco da moda em questões de processo, mas observamos como esta experiência trouxe a tona personagens internos de cada participante como foi o caso de Lis, que deu vida a um personagem de sua imaginação.

Figura 4: Trabalho “Surya” da aluna Lis, 2016.



Fonte: Fotógrafo Denilson Menezes. Acervo do projeto Costurando Histórias, VID Estúdio Criativo, 2016.





Por fim destacamos uma aula ocorrida dentro de um workshop de Criação de Figurinos do SENAC Lapa Faustolo em 2019, ministrado por uma das autoras. Dentro de 14h de curso foram trabalhadas questões do ofício, desde orçamentos, ética na profissão, além de todas as questões de design, linguagem e pesquisa citadas anteriormente. Foram aplicados também alguns exercícios rápidos que envolviam decupagem de roteiro. Como não havia um foco de linguagem, mas uma explicação geral sobre cada uma delas, ficou aberto para os alunos a escolha de trabalhar com um personagem de sua preferência para teatro, audiovisual, dança, ópera ou performance. Desta experiência destacamos a aluna Gabriella, que se baseou no livro *Aquele Mês de Abril* de Goimar Dantas.

Neste romance contextualizado nos dias atuais, a autora inspira suas personagens em obras de Almeida Júnior (1850-1899): Helena (figura 5 - manequim da esquerda) é uma jornalista de 34 anos que faz um curso sobre o pintor na Pinacoteca. Os quadros que inspiram a personagem são *Moça com livro* (datado entre 1850 e 1899), *Leitura* (1892) e *Descanso do modelo* (1882). Destas obras, a aluna extraiu a paleta de cor e textura de tecidos. Desde último quadro especificamente a aluna traz as texturas dos tecidos que envolvem a cintura da figura feminina para a saia da personagem. Esta peça foi criada com o tingimento de uma saia que já era listrada de azul, porém o tom vermelho foi tingido pela aluna. Já a barra amarela é um retalho de jacquard costurado. A blusa imita do decote da figura feminina do primeiro quadro com os babados da figura do segundo.

Ana (figura 5 - manequim da direita), com quem Helena tem um caso no romance, é professora fictícia da Pinacoteca de São Paulo de 42 anos, que foi inspirada nos quadros *O Importuno* (1898) e *Saudade* (1899). Destas referências são trazidas as meias compridas e a saia em uma releitura contemporânea, refletindo a personalidade de ‘mulher determinada, segura, dominadora e independente; é moderna e ao mesmo tempo clássica, trazendo uma mistura de mistério e sensualidade’ (registro escrito da aluna, acervo da autora, 2019).



Importante ressaltar que durante a pesquisa, a aluna visitou o museu em que acontece a trama do livro e ainda fez uma pesquisa mais aprofundada sobre o pintor. Todas as peças do estudo de figurino foram encontradas em brechós. Devido o pouco tempo de curso, ela não concluiu na forma que gostaria, principalmente por usar uma camisa já estampada ou invés de criar a própria estampa.

A aluna direcionou suas criações pensando em uma obra audiovisual, trabalhando assim, em detalhes pequenos como o colar de Ana que traz a imagem do quadro *Descanso do modelo* (1882), o faz referência a sua amante, Helena.

Figura 5a - Figurinos criados para Helena e Ana, respectivamente, do romance *Aquele Mês de Abril*, 2019.

Figura 5b - Detalhe do colar de Ana que faz referência a quadro que remete a Helena, 2019.



Fonte: Criação da aluna Gabriela na exposição de figurinos do workshop no SENAC Lapa Faustolo. Foto: Aline Barbosa, 2019.



No final da oficina foi feito um fechamento em que os alunos articulam os conceitos trabalhados, escolhas estéticas e técnicas em forma de texto, para que houvesse uma reflexão sobre o trabalho feito.

Considerações Finais

As reflexões presentes nestas atividades pedagógicas e aqui descritas na forma de um artigo visam explorar as relações entre o traje social e a criação de um traje de cena, colocando foco nos resultados criativos que podem se desenvolver e suas potencialidades de formação pedagógica.

As experiências descritas, embora não tenham resultado em trajes de cena, se mostram potencial de investigação de imaginários e construção de silhuetas, parte definitiva na construção de repertório de futuros profissionais figurinistas. O trabalho com materiais oriundos do descarte têxtil, seja a roupa pós-consumo, de segunda mão ou retalhos é uma prática antiga, e acaba sendo acolhida muito mais por razões orçamentárias do que por afirmação de sustentabilidade. No entanto, se mostra uma rica oportunidade de criação de repertório e experimentações para trajes, que podem ser usadas em um contexto futuro de criação cênica durante ensaios, para que silhuetas sejam experimentadas visualmente sem grandes impactos financeiros, por exemplo.

As teorias relacionadas às metodologias ativas se aplicam, portanto, não só na forma de criar a situação pedagógica, mas diretamente com a profissão de um figurinista que trabalha constantemente com experimentações, tanto por ter materiais limitados, quanto por procurar novos efeitos visuais.

Referências

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora** [recurso eletrônico]: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018. e-PUB.





BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora** [recurso eletrônico]: Uma Abordagem Teórico-Prática (Portuguese Edition) Porto Alegre: Penso, 2018. Edição do Kindle.

VELLOSO, Isabela Monken; VIANA, F. R. P. **Roland Barthes e o Traje de Cena** [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, 2018.

VIANA, Fausto. **O figurino teatral e as renovações do século XX**, 1ª edição, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

VIANA, Fausto; PEREIRA, Dalmir Rogério. **Figurino e Cenografia para Iniciantes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

